

Os efeitos da pandemia de covid-19 no discurso antivacinação infantil no Facebook

The effects of covid-19 pandemic on children's antivaccination discourse in Facebook

Los efectos de la pandemia de covid-19 sobre el discurso antivacunación infantil en Facebook

Raquel Recuero^{1,2,a}

raquel.recuero@ufpel.edu.br | <https://orcid.org/0000-0002-7417-9782>

Taiane Volcan^{1,b}

taianevolcan@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-3678-2329>

Franceli Couto Jorge^{1,c}

francelicouto@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-3518-2695>

¹ Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Letras. Pelotas, RS, Brasil.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Porto Alegre, RS, Brasil.

^a Doutorado em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

^b Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Pelotas.

^c Mestrado em Comunicação e Indústria Criativa pela Universidade Federal do Pampa.

RESUMO

Este trabalho pretende analisar como o discurso antivacina sobre a covid-19 impactou o discurso sobre vacinação infantil no contexto da mídia social, a partir das estratégias e narrativas de legitimação construídas. Para isso, realizamos uma análise de mais de 260 mil publicações sobre vacinação infantil no Facebook (Meta) entre os anos de 2019 e 2022, com o objetivo de compreender: quais foram as estratégias discursivas utilizadas para legitimar o discurso antivacina e pró-vacina nesses anos; quais as principais narrativas construídas; e como a pandemia de covid-19 impactou nessa discussão. Os resultados indicam um crescimento e uma polarização do debate sobre vacinação infantil na mídia social, com a circulação de discursos desinformativos e conspiratórios. No contexto da pandemia, observamos que o discurso antivacina saiu da vacinação infantil contra a covid-19 e se espalhou para o debate sobre a vacinação infantil para outras doenças. Essas mudanças têm um impacto no discurso pró-vacina que se modifica para tentar responder ao movimento antivacinação.

Palavras-chave: Vacinação infantil; Discurso; Redes sociais; Facebook; Covid-19.

ABSTRACT

This work intends to analyze how the anti-vaccination discourse on covid-19 impacted the discourse on childhood vaccination in the context of social media, based on the strategies and narratives of legitimation constructed. In order to do this, we carried out an analysis of more than 260 thousand publications about childhood vaccination on Facebook (Meta) between 2019 and 2022, focusing on understanding: what discursive strategies were used to legitimize the anti-vaccine and pro-vaccine discourse during this period;

what are the main narratives constructed; and how the covid-19 pandemic impacted this discussion. The results indicate a growth and polarization of the debate about childhood vaccination on social media, with the circulation of misinformative and conspiratorial discourses. In the context of the pandemic, we noted that the anti-vaccine discourse spread from childhood vaccination against covid-19 and started a debate on childhood vaccination for other diseases. These changes have an impact on the pro-vaccine discourse, that changes itself to try to respond to the anti-vaccination movement.

Keywords: Children's vaccination; Discourse; Social networks; Facebook; Covid-19.

RESUMEN

Este trabajo pretende analizar cómo el discurso antivacunas sobre la covid-19 impactó en el discurso sobre la vacunación infantil en el contexto de las redes sociales, a partir de las estrategias y narrativas de legitimación construidas. Para ello, realizamos un análisis de más de 260 mil publicaciones sobre vacunación infantil en Facebook (Meta) entre 2019 y 2022, con los objetivos de comprender qué estrategias discursivas se utilizaron para legitimar el discurso antivacunas y provacunas sobre los años; cuáles fueron las principales narrativas construidas; y cómo la pandemia de covid-19 impactó esta discusión. Los resultados indican un crecimiento y una polarización del debate sobre la vacunación infantil en las redes sociales, con la circulación de discursos desinformativos y conspirativos. En el contexto de la pandemia, observamos que el discurso antivacunas dejó la vacunación infantil contra el covid-19 y se extendió al debate sobre la vacunación infantil para otras enfermedades. Estos cambios tienen un impacto en el discurso provacunas, que cambia para responder al movimiento antivacunación.

Palabras clave: Vacunación infantil; Discurso; Redes sociales; Facebook; Covid-19.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Contribuição dos autores:

Concepção e desenho do estudo: Raquel Recuero.

Aquisição, análise ou interpretação dos dados: Raquel Recuero, Taiane Volcan e Franceli Couto Jorge.

Redação do manuscrito: Raquel Recuero, Taiane Volcan e Franceli Couto Jorge.

Revisão crítica do conteúdo intelectual: Raquel Recuero, Taiane Volcan e Franceli Couto Jorge.

Declaração de conflito de interesses: não há.

Fontes de financiamento: CNPq (projeto 301433/2019-4) e FAPERGS (projeto 19/2551-0000688-8).

Considerações éticas: não há.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não há.

Histórico do artigo: submetido: 26 jul. 2022 | aceito: 25 out. 2022 | publicado: 23 dez. 2022.

Apresentação anterior: não houve.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

INTRODUÇÃO

O Brasil tem o Programa Nacional de Imunizações (PNI-SUS), que é referência internacional (DANDARA, 2022) e foi o pioneiro na erradicação da varíola (FIORAVANTI, 2021), quase uma década antes de a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhecer a erradicação da doença no mundo. Embora possua um Sistema Único de Saúde (SUS) público capilarizado que possibilita a vacinação em massa de sua população desde a primeira idade, o país enfrenta desde 2015 uma intensa queda nos índices de vacinação infantil, que ameaça o retorno de epidemias graves, algumas superadas há décadas (NUNES, 2021).

Com o contexto da pandemia de covid-19, o índice de cobertura vacinal parece ter sofrido uma redução ainda maior. Em 2020, foi inferior a 80% para todas as vacinas, e menos de 50% dos municípios brasileiros conseguiram atingir a meta do PNI (NUNES, 2021) – índices considerados insuficientes para a erradicação de muitas doenças. Embora parte da resistência vacinal seja associada ao próprio sucesso do PNI e das vacinas – pois, com a imunização, algumas doenças foram erradicadas ou reduzidas a um mínimo de incidência, de modo que as pessoas pararam de se preocupar com elas ou passaram a ignorá-las (MACDONALD; SMITH; APPLETON, 2012) –, há outros fatores, como a disseminação de teorias conspiratórias e de narrativas de risco ampliadas, desconhecimento, posições religiosas e até uma forte onda de desinformação (PERTWEE; SIMAS; LARSON, 2022; ULLAH *et al.*, 2021).

Nesse contexto, sabemos também que durante a pandemia disputas políticas amplificaram e legitimaram o descrédito sobre as vacinas da covid-19 e as iniciativas globais de combate ao vírus (RECUERO; SOARES, 2020; RECUERO; STUMPF, 2021), principalmente, pelo crescimento das plataformas de mídia social. A hipótese de que essa amplificação tenha impactado, não apenas na discussão sobre a covid, mas igualmente na vacinação de modo geral, tem sido levantada por diversos autores (ULLAH *et al.*, 2021).

Este trabalho busca, assim, explorar, no contexto dessas mesmas plataformas de mídia social, como o discurso antivacina sobre a covid-19 impactou o discurso geral sobre a vacinação infantil. De modo específico, buscamos compreender como as estratégias e as narrativas construídas nesse contexto podem ter sido amplificadas para legitimar o discurso antivacinação infantil e construir efeitos nas práticas sociais. Para esse exercício, utilizamos uma combinação metodológica de Análise de Redes Sociais (ARS) (WASSERMAN; FAUST, 1994), de modo a observar as páginas e os grupos agrupados em torno dos *links* mais compartilhados e, posteriormente, uma análise dos textos (narrativas) que eram construídos por esses grupos, através da Análise Crítica do Discurso (ACD, a partir de VAN DIJK, 1993).

Considerando que hoje boa parte da população brasileira tem acesso à internet – 83% dos domicílios, de acordo com dados do TIC Domicílios 2020, do Comitê Gestor da Internet (CGI) – e que as plataformas de rede social são largamente utilizadas como fontes informativas (em torno de 50% dos usuários a utilizam para se informar, de acordo com os mesmos dados), para este estudo focamos em uma análise longitudinal, que cobre as transformações do discurso sobre o tema ao longo de um período de quatro anos, no Facebook (Meta), uma das ferramentas mais populares no país. Com dados de mais de 260 mil *posts* em conversações de grupos e páginas públicas que mencionaram a vacinação infantil de 2019 a 2022, analisamos como esse discurso parece ter sido alterado a cada ano da pandemia, e apresentamos possíveis implicações dessas mudanças. Notadamente, entre os principais resultados, observamos um crescimento do discurso antivacina e um espalhamento deste para vacinas do calendário infantil.

REFERENCIAL TEÓRICO

Discurso antivacina

O discurso antivacinação não é um fenômeno novo, mas vem ganhando nova força no Brasil nos últimos anos (BROTAS *et al.*, 2021). Principalmente através das chamadas plataformas de mídia social, vemos a disseminação e a legitimação desses argumentos, de modo mais explícito do que em outras mídias, e com um impacto mais evidente (KATA, 2012). Esses meios parecem ter trazido para a esfera pública o debate antivacina, que antes era restrito a algumas comunidades. Além disso, o discurso antivacinação parece ter sido associado com mais força à desinformação¹ e às teorias conspiratórias nesses espaços (RECUERO; SOARES, 2020), gerando insegurança e incerteza sobre a eficácia das vacinas. Essas construções reacenderam o debate sobre a vacinação, porém com temas outros que vão além da necessidade, dos benefícios e dos efeitos colaterais, como, por exemplo, o questionamento sobre a própria origem das vacinas (RECUERO; STUMPF, 2021). Nesse contexto, torna-se mais evidente a necessidade de se compreender os mecanismos discursivos utilizados para legitimar e, por consequência, dar visibilidade aos argumentos contrários à vacinação.

Brotas *et al.* (2021) explicitam que os atores dos movimentos antivacina encontraram nas mídias sociais uma forma de tornar as suas manifestações públicas, sem a necessidade da mediação de um veículo de comunicação tradicional. Para além dos atores sociais envolvidos, é necessário considerar as *affordances* das plataformas e os seus algoritmos como importantes mediadores do discurso antivacina, já que eles também definem os fluxos de informação que circulam nessas mídias e como são recomendados (D'ANDRÉA, 2020). Esses algoritmos também podem aumentar os efeitos de câmara de eco (RECUERO; SOARES, 2020), no qual se recomenda cada vez mais conteúdo antivacina uma vez que determinado ator tenha interagido com ele, reduzindo a circulação de conteúdos que possam contradizer a desinformação sobre imunização, por exemplo. Nesse contexto, é possível que tenhamos 'bolhas' de discurso antivacina sendo autolegitimadas, nas quais outros discursos, contrários, não conseguem entrar e desafiar as certezas construídas. Quanto mais esses textos circulam nas bolhas, maior a impressão de que constroem o argumento 'da maioria' e de que, portanto, devem ser observados.

Em contextos de pandemia, como o da covid-19, o recrudescimento de movimentos antivacina coloca em risco estratégias de gestão de saúde pública baseadas em vacinação massiva da população (RUISCH *et al.*, 2021). Para os autores, as sociedades divididas por movimentos antivacinação sofrem com o aumento da hesitação vacinal e o atraso no gerenciamento de situações de pandemia. Além disso, tais discursos se espalham pela sociedade, afetando não apenas campanhas específicas de vacinação, mas toda a cultura vacinal de uma comunidade, o que pode acabar resultando no retorno de outras doenças vacináveis e no aumento, inclusive, da mortalidade infantil, como se tem observado no Brasil (NUNES, 2021).

Segundo Costa (2022), os discursos antivacina que circulam nas mídias sociais baseiam-se em fatos que são distorcidos, tirados de seu contexto original ou ainda misturados com conteúdo falso – o que também caracteriza a desinformação –, dificultando a distinção entre o que é cientificamente comprovado e o que é conteúdo fabricado. A autora afirma, também, que parte desses discursos descrevem um “antes e depois” da pessoa imunizada, ou seja, relatam “como era antes de um indivíduo se vacinar, o que aconteceu depois e como ele está agora” (COSTA, 2022, p. 42). O fortalecimento do discurso antivacina também pode se justificar, conforme a autora, porque as pessoas não têm tempo e/ou interesse para se aprofundar nos fatos e, assim, consomem a informação que recebem sem indagar sobre a sua veracidade. Além disso, em

¹ Desinformação, aqui, compreendida como um conjunto de conteúdos total ou parcialmente falsos, no sentido explicitado por Recuero e Stumpf (2021).

alguns casos, pais questionam aspectos culturais e legais que envolvem a vacinação infantil obrigatória (BARBIERI; COUTO; AITH, 2017). Segundo esses autores, há um movimento que questiona o caráter impositivo das campanhas de vacinação infantil, tanto enquanto cultura socialmente aceita, quanto em relação aos aspectos legais – o que acaba fortalecendo um pensamento conspiratório. Além do mais, as plataformas proporcionam que esses atores produzam e compartilhem os seus conteúdos, o que faz com que eles circulem livremente entre os grupos, mesmo que muitos sejam falsos.

O discurso antivacina, assim, se utiliza de uma série de narrativas que, juntas, fornecem um contexto próprio para a desconfiança no processo de vacinação. Entre os argumentos comumente utilizados estão: o descrédito na ciência e nos cientistas que produzem os imunizantes; a influência de grandes corporações farmacêuticas que financiam e lucram com as vacinas; a segurança das vacinas e os seus possíveis efeitos colaterais (KATA, 2012). No Brasil, conforme observam Recuero e Stumpf (2021), o discurso antivacina nessas plataformas está ancorado, ainda, em um contexto macro que legitima essas narrativas mediante um enquadramento político, no qual tomar ou não vacina significa apoiar ou não um viés político-partidário.

Estratégias e narrativas do discurso antivacina

A ACD é um modo de perceber e estudar o discurso, a partir da relação entre as suas estruturas e estratégias e os modos de reprodução das relações de poder e de dominação (VAN DIJK, 1993). O estudo do discurso é, assim, o estudo do texto e das relações como práticas sociais emergentes desses textos e de seus efeitos de poder. Nesse contexto, estratégias discursivas constituem-se em “modos sistemáticos” de uso da linguagem, visando atingir “objetivos sociais, políticos ou psicológicos” (WODAK, 2005, p. 4). Essas estratégias estão conectadas com formas de persuasão pelo discurso e buscam, portanto, convencer os sujeitos através dos discursos (VAARA, 2010). Uma estratégia discursiva, assim, é uma regularidade nos modos de dizer que permite perceber um uso específico da linguagem para induzir alguém a alguma coisa. Assim, podemos dizer que o estudo das estratégias do discurso antivacina constitui-se num elemento importante para se conhecer esse discurso e perceber como ele é estruturado, como se reproduz e amplia o conhecimento (ou o desconhecimento) sobre as vacinas e os seus possíveis efeitos nas relações sociais e nas comunidades por onde circula.

Wodak (2005) faz uma sistematização de alguns tipos possíveis de estratégias discursivas para a legitimação de discursos (Quadro 1). Essa sistematização, mais ampla, foca nas seguintes estratégias:

Quadro 1 – Estratégias do discurso

Estratégia	Objetivos
Referencial ou nomenclatura	Construção discursiva de fenômenos sociais, objetos, atores etc.
Predicação	Qualificação discursiva de fenômenos sociais, objetos, atores etc. Articulação de 'otherness' (alteridade), desqualificar o 'outro'.
Argumentação	Justificativa e questionamento de alegações de 'verdade', certezas ou correção.
Perspectivação, enquadramento ou representação discursiva	Posicionamento do ponto de vista do escritor/falante, como o discurso é enquadrado.
Intensificação ou mitigação	Modificar – intensificar ou reduzir/mitigar – a força ilocutória dos enunciados.

Fonte: WODAK, 2005. Adaptado e traduzido pelas autoras.

Para Wodak (2005), essas estratégias permitem observar como um discurso é articulado diante de determinadas ideologias, que vão construir e mobilizar narrativas. Essas ideologias também são perceptíveis através de interdiscursos e referências intertextuais nas narrativas, que permitem a um discurso operar mediante a conexão com outro, construindo, assim, novas narrativas para a legitimação. A legitimação,

por sua vez, vai atuar impactando as práticas sociais dos atores. Esses elementos também fazem com que um discurso apareça associado a outro – por exemplo, o discurso sobre vacinas e o religioso, como mostra Costa (2022) –, ou seja, numa espécie de legitimação de um discurso por quem também legitima um outro.

As narrativas antivacinação têm sido, também, bastante exploradas pela literatura (GUNARATNE *et al.*, 2019; KATA, 2012; OLIVEIRA *et al.*, 2021; RECUERO; STUMPF, 2021) e demonstram que a resistência vacinal é um problema crescente no Brasil e no mundo. Levantamentos sobre os fatores que levam a essa resistência vacinal observaram que as características individuais, contextuais e clínicas (como religião, idade e falta de sintomas relacionados à covid-19), durante a pandemia, foram prevalentes para a decisão de tomar ou não vacina entre o público adulto (OLIVEIRA *et al.*, 2021).

Mais recentemente, vários trabalhos têm, também, identificado essas narrativas e as suas conexões com a vacinação da covid-19. É o caso do trabalho de Amaral *et al.* (2022), que, comparando os discursos antivacina do Brasil e da Alemanha, encontraram neles elementos de: (1) desconfiança a respeito da vacinação; (2) vacinação como uma violação de direitos individuais; (3) ineficácia da vacinação; (4) ceticismo em relação à ciência; (5) antivacinação como proteção a crianças e jovens; (6) politização da vacinação; (7) busca por alternativas à vacinação; (8) pessoas antivacinação como vítimas de uma divisão social; (9) censura de informações; (10) defesa do combate ao vírus com imunidade natural; e (11) afirmação de que as vacinas têm o objetivo principal de dar lucros à indústria farmacêutica.

Entre essas categorias, a politização da vacinação, a busca por tratamentos alternativos e a suposta violação de direitos individuais são as categorias que ganharam maior visibilidade no Brasil. Junto a isso, os autores encontraram um ceticismo profundo e exacerbado contra as vacinas em ambos os países. Além disso, perceberam uma interseção entre o alinhamento político e a resistência à vacinação.

Esses resultados são bastante semelhantes àqueles de Recuero e Stumpf (2021) e Oliveira (2020), que debatem os discursos sobre a vacina da covid-19 no Brasil. A politização da vacina, somada a uma interferência do discurso político, parece tornar o debate menos sobre saúde pública e mais sobre partidos e políticos. Finalmente, Camargo (2022) identificou o que denominou quatro estratégias discursivas associadas ao discurso antivacina da covid-19 no Facebook: (1) a presença de uma interseccionalidade com a moralidade cristã; (2) a presença de tratamentos alternativos ou de visões alternativas de saúde; (3) a negação das instituições; e (4) a contestação do discurso científico e mercadológico das indústrias farmacêuticas.

Todos esses trabalhos apontam para narrativas específicas que vão permear a legitimação do discurso antivacina. No entanto, pouco se discute sobre como essas narrativas se articulam discursivamente, como se espalham e os seus possíveis efeitos nas práticas sociais – o que é o objetivo principal deste trabalho. Além disso, esses trabalhos citados também apontam dois elementos importantes que ocorrem dentro dessas trocas. Um deles é a referência a teorias conspiratórias. As chamadas ‘teorias da conspiração’ são caracterizadas pela referência a grandes narrativas de planos secretos que envolvem atores poderosos e que buscam influenciar elementos da sociedade e do mundo (BERTIN; NERA; DELOUVÉE, 2020). Essas narrativas ganharam impacto com o digital e, particularmente, com as plataformas de mídia social, como um resultado, também, da chamada ‘crise epistêmica’ relacionada à ciência (OLIVEIRA, 2020). Isso significa que teorias conspiratórias passaram a aparecer mais na mídia social, não apenas pelo suporte algorítmico das plataformas, mas, também, pelas crises de crença que caracterizam o contexto atual, particularmente, a pandemia de covid-19, que se apresenta como um contexto propício a essa difusão (BERTIN; NERA; DELOUVÉE, 2020).

Teorias da conspiração também são frequentemente associadas a um ecossistema de discursos desinformativos (RECUERO; STUMPF, 2021) – outro elemento importante para a discussão. O conceito de desinformação compreende um conjunto de ações e conteúdos que buscam enganar ou induzir ao erro

(WARDLE; DERAKSHAN, 2017). Nesse contexto, o discurso antivacina pode ser, também, um discurso que se utiliza de elementos desinformativos para atingir mais gente. A presença de desinformação, alinhada ao discurso antivacina, também foi identificada por vários autores (BROTAS *et al.*, 2021; CAMARGO, 2022; MASSARANI; LEAL; WALTZ, 2020) e, em muitos casos, associada à resistência vacinal (MACI, 2019).

PROPOSTA METODOLÓGICA

Como explicamos, neste trabalho, buscamos compreender as mudanças no discurso sobre a vacinação infantil nos grupos e nas páginas públicas do Facebook (Meta), durante a pandemia de covid-19. De modo específico, nosso objetivo foi buscar compreender as estratégias discursivas e narrativas construídas e os seus efeitos possíveis. Para tanto, coletamos dados históricos referentes aos cinco primeiros meses de 2019, 2020, 2021 e 2022 através do CrowdTangle², plataforma que permite o acesso aos dados públicos e históricos do Facebook através de sua Application Programming Interface (API).

Nessa ferramenta, coletamos dados públicos de páginas e grupos (que foram considerados como o mesmo tipo de nó) que compartilharam conteúdos relacionados a vacinas através de coletas específicas de palavras-chaves: “vacina/vacinas/vacinação” juntamente com “criança/crianças/infantil”. A Tabela 1 resume os dados totais obtidos nessa coleta.

Tabela 1 – Dados totais obtidos na coleta de dados

	2019	2020	2021	2022
Páginas/Grupos	12.127	26.762	46.652	154.585
Posts com links	8.273	23.061	44.876	172.385
Posts totais	14.707	26.830	50.810	180.420

Fonte: Elaborada pelas autoras.

De posse desse conjunto de dados, buscamos compreender os elementos centrais desta pesquisa a partir de alguns pontos-chaves, a saber:

1. A estrutura da rede de difusão desses conteúdos.
2. As estratégias discursivas presentes.
3. Os tipos de páginas/grupos que estão relacionados a cada tipo de discurso e como eles articulam estratégias discursivas e narrativas.
4. As mudanças nesses discursos durante a pandemia da covid-19.

Para analisar a estrutura das redes, utilizamos a ARS (WASSERMAN; FAUST, 1994), na qual construímos uma rede que mostra a estrutura das páginas e dos conteúdos em comum. Utilizamos uma rede bipartida (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015), em que os nós (nodos) da rede são representados por páginas/grupos e pelos conteúdos compartilhados. Já as conexões são os compartilhamentos efetivos. Para observar essas redes, primeiramente, utilizamos um algoritmo de grupabilidade, ou seja, a modularidade para aproximar contas que tendem a reproduzir os mesmos conteúdos e separá-las daquelas que compartilham conteúdos diferentes (BLONDEL *et al.*, 2008). Esse agrupamento possibilita que vejamos os principais grupos que compartilham conteúdos referentes à vacinação e que tipos de conteúdos são mais compartilhados. Através

² O CrowdTangle é uma ferramenta de coleta de dados públicos, disponibilizada pelo Facebook (Meta). O sistema é acessado a partir de um site e uma API específicos – <https://www.crowdtangle.com>. O CrowdTangle não coleta a totalidade de dados, mas apenas os dados públicos que vão sendo indexados pela API da ferramenta, a partir de seu monitoramento.

do uso de métricas da análise de rede, selecionamos as páginas e os grupos que mais compartilham conteúdos (*outdegree*/grau de saída na rede) e os conteúdos mais compartilhados (*indegree*/grau de entrada).

Uma vez reunidos páginas e grupos em *clusters* (aglomerados), selecionamos apenas aqueles que efetivamente compartilhavam conteúdos relacionados à vacinação infantil e que apresentavam um tamanho mínimo de vinte páginas/grupos no mesmo *cluster*, que tivesse compartilhado pelo menos cinco conteúdos. Isso porque, uma vez que iniciamos o estudo das redes vimos, por exemplo, que alguns grupos estavam fora do escopo da pesquisa (por exemplo, grupos e páginas de veterinários e *pet shops* focados em vacinação de animais de estimação, como modo de proteger também as crianças). A escolha pelo mínimo de vinte páginas com cinco conteúdos deu-se de modo arbitrário, para apresentar os grupos mais representativos em torno da ação de compartilhamento de conteúdo. A Tabela 2 resume os dados que serão, então, analisados. Para a construção das redes que serão apresentadas neste trabalho, utilizaremos o *software* Gephi.

Tabela 2 – Dados agrupados para análise

	2019	2020	2021	2022
Nós	699	4.155	5.613	19.494
Conexões	752	5.391	7.531	33.341
Clusters	01	02	02	02

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Com base no grau de saída/*outdegree*, também identificamos e classificamos os principais tipos de páginas e grupos de cada módulo/*cluster*. Isso permitirá também compreender quais tipos de influenciadores estão conectados com os discursos prevalentes em cada grupo. Uma vez identificados os grupos/páginas mais envolvidos com o compartilhamento de conteúdos sobre vacinação infantil, passaremos a analisar esses conteúdos específicos, observando as postagens publicadas.

Para compreender o discurso presente nos *clusters*, utilizamos a análise de ocorrências e coocorrências, a partir do viés da análise de conceitos conectados (LINDGREEN, 2016). Essa abordagem nos permite analisar também as estratégias de legitimação do discurso apresentadas anteriormente (WODAK, 2005): referencial ou nominação; predicação; argumentação; perspectivação, enquadramento ou representação discursiva; e intensificação ou mitigação. Para isso, extraímos as postagens presentes em cada módulo identificado pela análise anterior e, com esses dados, observamos os termos que mais ocorreram em unidades discursivas (que consideramos, para este trabalho, postagens únicas) e que são, posteriormente, classificados em conceitos mais amplos. Assim, palavras com sentidos semelhantes (como ‘brasileiros’, ‘brasileiras’, ‘Brasil’) podem ser agrupadas sob um mesmo conceito. Para essa classificação, os *posts* são também lidos pelos pesquisadores. Esses conceitos são agrupados também a partir da leitura e da discussão de seu sentido nas unidades de análise.

Uma vez construído o grupo de conceitos, cada grupo é observado em termos de coocorrências, ou seja, quantas vezes e como um dado aparece junto com outro na mesma unidade de análise. Essas coocorrências vão fornecer um mapa discursivo que apresenta os conceitos mais conectados nos *posts* analisados. Utilizamos essa estratégia para analisar os discursos dos diferentes grupos que observamos através da ARS, permitindo, assim, identificar as semelhanças e as diferenças, nas associações desses grupos, aos conceitos de vacina e vacinação.

Os conceitos são apresentados em formato de rede, no qual o tamanho dos conceitos corresponde à sua frequência nos dados (quanto mais citado, maior) e, quanto mais um conceito está associado a outro, mais próxima e mais forte é a conexão. Para demonstração dessas redes, também foi utilizado o *software* Gephi.

Esse mapa de relações conceituais permite observar o discurso mais frequente nas postagens desses grupos mais ativos, como também os conteúdos publicados nesses grupos.

ESTUDO DE CASO

Análise geral

Para analisar os dados, iniciaremos com uma apresentação e uma discussão ano a ano e depois faremos uma sistematização geral. Para facilitar a compreensão, marcamos sempre de azul os grupos em que há discursos antivacinação, e, de vermelho, os grupos em que há discursos pró-vacinação. Em ambos os casos, a análise se dá a partir do ponto da vacinação infantil.

Os dados referentes ao ano de 2019 (Figura 1) são os menos volumosos com relação ao conjunto total. Há apenas um grupo (vermelho – favorável à vacinação), com 699 nós e 752 postagens com *links*. De modo específico, encontramos um discurso relacionado, principalmente, à divulgação das campanhas de vacinação infantil no Brasil (Figura 2) por prefeituras, instituições de saúde e grupos de pais. Já o discurso mais presente no grupo faz referência direta a vários elementos relacionados às campanhas, como a ideia de imunização diretamente relacionada ao SUS, a referência às campanhas, às informações e às várias doenças, como poliomielite, sarampo, gripe etc.

Quanto às estratégias discursivas (WODAK, 2005), vemos aqui um viés pró-vacinação bastante explícito, com a nominação como principal estratégia discursiva, relacionada às doenças que são prevenidas com a vacinação como centro dos discursos sobre a vacina e as campanhas. Há uma predicação positiva, relacionada ao conhecimento das campanhas e à prevenção de doenças entre as crianças. Não observamos um enquadramento específico, uma vez que as ações tratam apenas de difundir as campanhas. E não avaliamos uma intensificação desse discurso que é basicamente informativo.

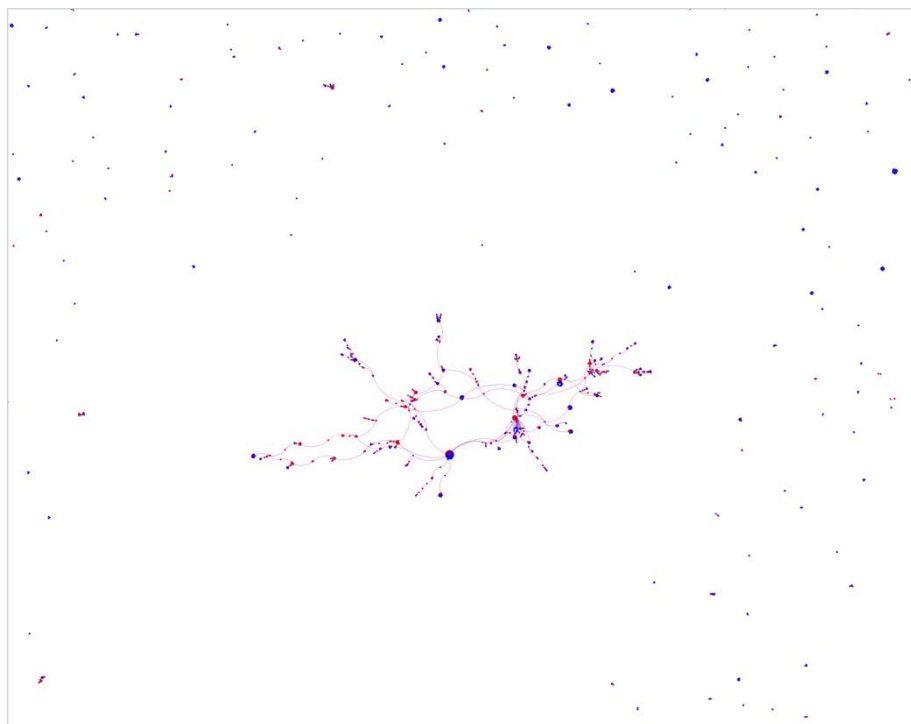


Figura 1 – Dados de 2019 – Principais influenciadores: clínicas de vacinação, prefeituras, órgãos relacionados à saúde em municípios e estados

Fonte: Elaborada pelas autoras.

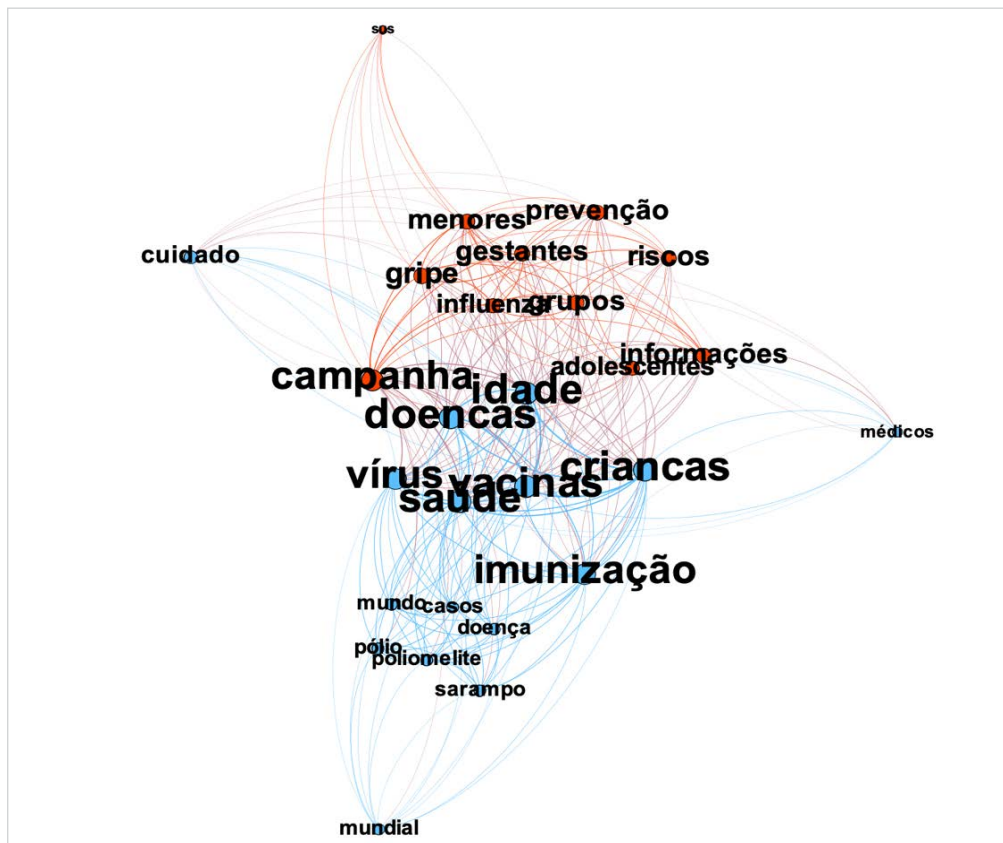


Figura 2 – Dados de 2019 – Discursos: principais termos presentes no discurso e suas conexões
Fonte: Elaborada pelas autoras.

Já em 2020 (Figura 3), começamos a observar algumas diferenças importantes. Primeiramente, há um aumento da discussão sobre a vacinação infantil, com o aparecimento de outro grupo debatendo o assunto (4.155 nós, quase seis vezes o número anterior, no mesmo período de um ano), além de um aumento de circulação de conteúdo relacionado ao tema. É a primeira vez que aparece um grupo contrário à vacinação (azul), além do grupo centrado na vacina como prevenção (vermelho). No grupo vermelho, novamente, os principais nós atuantes são contas institucionais de prefeituras e órgãos de saúde, cujo discurso está relacionado às campanhas de vacinação infantil.

Nas estratégias (WODAK, 2005) o foco é nas campanhas de vacinação e na segurança das vacinas, com a nominação daqueles que devem vacinar-se (gestantes, idosos, grupos de risco e crianças) (Figura 5). As demais estratégias são a predicação desses discursos, relacionada à prevenção de doenças, portanto, positiva para as vacinas. E observamos a intensificação relacionada a essa prevenção em relação ao ano anterior e aos discursos anteriores. O enquadramento é de evitar doenças e aumentar a exposição das crianças e da população de risco à vacina. Constatamos poucas mudanças em relação ao ano anterior.

No entanto, aparece também outro grupo (azul), no qual o discurso principal é de resistência e de questionamento acerca da vacinação (Figura 4). Nesse conjunto, há uma prevalência de grupos e páginas relacionados a elementos conspiratórios, religiosos e de apoio às Forças Armadas. Assim, há um discurso prevalente que associa a vacinação às teorias conspiratórias, nas quais as vacinas seriam utilizadas, por exemplo, para controle populacional na África; teriam causado a morte de milhares de crianças; e que apenas Deus poderia salvar a Europa, onde, no momento, acontecia uma onda de casos e de mortes relacionadas ao coronavírus.

Vamos servir de corpos de experiência das vacinas contra coronavírus!

Aproximadamente 50 crianças na pequena vila africana de Gouro, norte do Chade, sofreram tristemente [com] a vacina “MenAfriVac”, desenvolvida especificamente para a África, supostamente “curando” a meningite e foi promovida e apoiada pelo eugenista bilionário e defensor da redução da população, Bill Gates. A vacinação causou crianças de sete anos de idade a sofrer alucinações, convulsões e paralisia [...]. (Retirado de grupo no Facebook, 2020)

Encontramos, ainda, um viés político evidente, principalmente, em grupos de apoio ao atual presidente Jair Bolsonaro e, em menor medida, em grupos de cidades. O discurso, nesse ambiente, está mais relacionado a críticas às ações de combate à covid-19; e a apoio ao presidente Jair Bolsonaro e a suas ações. Aqui, a vacinação infantil aparece relacionada às questões políticas, principalmente à expectativa de que alguma vacina para a covid-19 seja parte de uma conspiração:

Pais têm receio de levar crianças aos centros de saúde, mas risco de não vacinar é elevado – CONSELHEIRO NACIONAL DO CHEGA DEFENDE QUE AS PESSOAS NÃO DEVEM “NUNCA, NUNCA MESMO” VACINAR-SE [...]. Não devemos deixar-nos “enganar pelo lobby farmacêutico” que faz vacinas só para manter o “negócio multimilionário”. #COVID-19

#GLOBOLIXO NUNCA SE PREOCUPOU C/IDOSOS CRIANÇAS E SUA FAMÍLIA. Eles devem bilhões ao BNDES, era 1 bilhão ao ano que pegava [a Globo] do governo, fora as empresas estatais e propinas. Então, gente, parece que muitas pessoas não entenderam o que o presidente Bolsonaro disse sobre “gripezinha” [...]. (Retirado de grupo no Facebook, 2020)

Nesses dados, observamos o surgimento de associações discursivas entre religião, teorias da conspiração e desinformação acerca da vacinação – dados que já apareceram em outras pesquisas (BROTAS *et al.*, 2021; CAMARGO, 2022; MASSARANI; LEAL; WALTZ, 2020; OLIVEIRA, 2020). Talvez um dos pontos mais importantes seja o recrudescimento, no primeiro ano da pandemia da covid-19, dessas associações discursivas entre vacinas, covid-19 e conspirações, através da nomeação de entidades religiosas e de teorias conspiratórias. Outro ponto relevante é a associação dos discursos de resistência vacinal às posições políticas, também observada por Recuero e Stumpf (2021), que está relacionada ao enquadramento desses discursos. Em ambos os casos, observamos a presença de estratégias discursivas (WODAK, 2005) relacionadas à ‘predicação’, principalmente na relação entre conspirações e posição política com a vacinação, onde há uma desqualificação da vacina; e o surgimento de uma argumentação antivacina relacionada ao contexto corrupto construído pela desinformação. Essas estratégias parecem inaugurar narrativas novas, que não existiam no ano anterior, mostrando uma intensificação desse discurso.

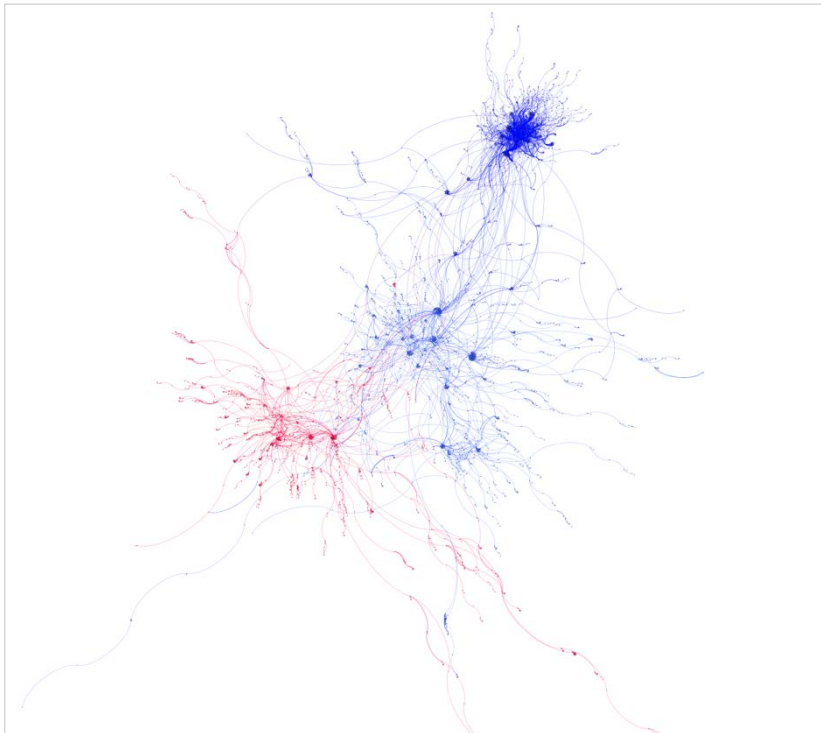


Figura 3 – Dados de 2020 – Principais influenciadores: Módulo 1 – Grupos de teor religioso, Forças Armadas, grupos de teor conspiratório ('Nova Ordem Mundial'), grupos de teor político, notadamente de apoio a Bolsonaro, grupos de cidades, entre outros; Módulo 2 – Grupos institucionais (prefeituras e órgãos de saúde), grupos de cidades e outros. Fonte: Elaborada pelas autoras.

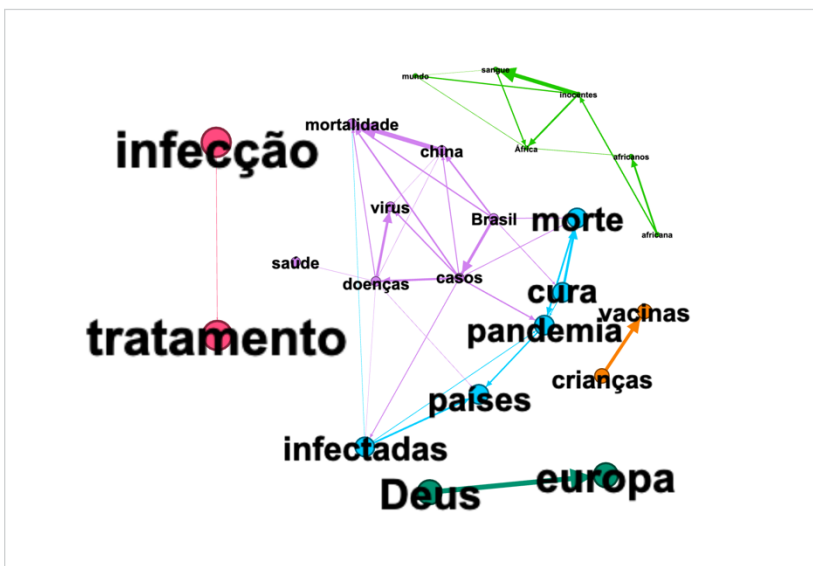


Figura 4 – Dados de 2020 – Discursos do Módulo 1 (antivacina)
Fonte: Elaborada pelas autoras.

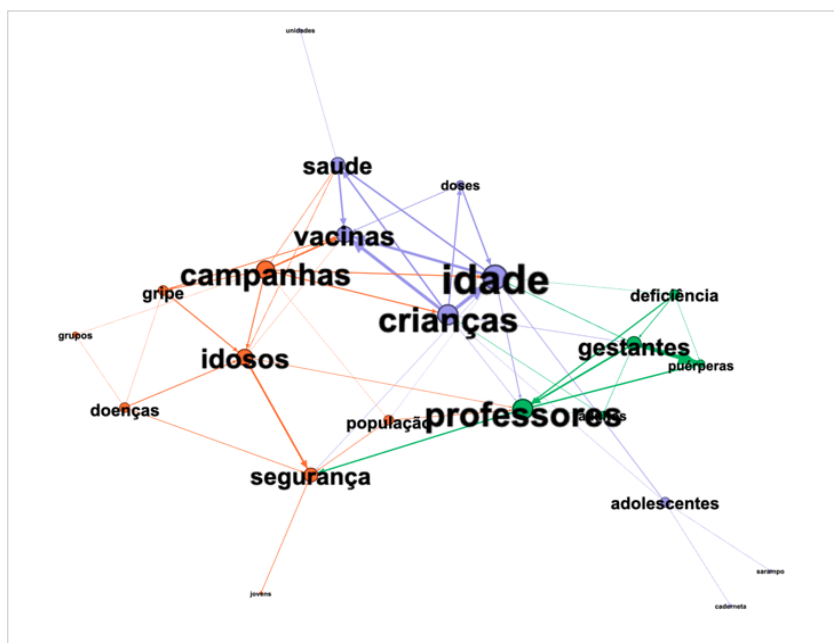


Figura 5 – Dados de 2020 – Discursos do Módulo 2 (campanhas de vacinação)
Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os dados de 2021 (Figura 6) mostram a intensificação na circulação do discurso antivacina e do conteúdo sobre vacinas em geral, com 5.613 nós envolvidos e quase 8 mil *posts*. Nesses dados, aparecem novamente apenas dois módulos. O primeiro, em azul, com discursos antivacina; e um segundo grupo, em vermelho, com um discurso pró-vacina. No entanto, o módulo pró-vacina aparece, dessa vez, com um grande número de influenciadores políticos e um baixo número de contas institucionais ou ligadas à saúde pública, e o mesmo ocorre no outro grupo. Os dados sugerem, assim, um acirramento da polarização do discurso sobre as vacinas e da associação da vacinação a alinhamentos políticos, principalmente por conta do debate sobre as vacinas da covid-19 (de modo semelhante ao mostrado por RECUERO; STUMPF, 2021).

No grupo pró-vacinas (Figura 7) aparecem mensagens ressaltando a segurança e a necessidade das vacinas, particularmente para trabalhadores da saúde e crianças. Quanto às estratégias (WODAK, 2005), as vacinas são associadas fortemente à imunização e à segurança como predicação, e aparece uma palavra nova, o ‘direito’, relacionado à vacinação infantil. Vemos, aqui, que a estratégia da nomenclatura daqueles que devem vacinar-se continua presente, porém observamos também o aparecimento da argumentação com a afirmação da segurança e da ação das vacinas. Assim, a intensificação do discurso sobre as vacinas está associada a um início de discussão dos argumentos antivacina.

Em oposição, no módulo antivacina (Figura 8), observamos estratégias (WODAK, 2005) sobre o questionamento das medidas de controle da covid, com a nomenclatura de elementos como o uso de máscaras e o distanciamento social; com conteúdos sobre a falta de segurança das vacinas, particularmente das vacinas da covid-19; e o argumento de que a vacina infantil é aquela que reduz a ‘fome’, consequência das medidas de controle da covid estabelecidas pela OMS e questionadas por Bolsonaro. A seguir, vemos alguns exemplos desses discursos antivacina:

Amigos e amigas, compartilho meu artigo “Imunidade de rebanho, a ponta do *iceberg* e as vacinas”. Pandemias e epidemias são uma força da natureza. Um novo vírus, quanto mais contagioso, mais se propaga, sem respeitar quarentenas horizontais e *lockdowns*. Ele só será contido por outro poderoso fenômeno da natureza: a imunidade coletiva ou de rebanho. [...]

Parece até piada, mas não é. Sobre a vacina.... Alguém explique, por favor, porque meu QI de “amendoim torrado”, não tá conseguindo acompanhar o raciocínio... – As grávidas podem tomar? – NÃO! – E crianças? – NÃO! Se eu for vacinado: 1. – Posso deixar de usar a máscara? – NÃO! 2. – Podem reabrir restaurantes etc.? E todo mundo [pode] trabalhar normalmente? – NÃO! [...] Portanto, a injeção não dá imunidade. Não elimina o vírus. Não impede a morte. Isso não garante que você não será contaminado. Isso não o impede de “pegar” COVID-19. Isso não impede você de ter covid-19. Isso não elimina a necessidade de proibições de viagens. Não elimina a necessidade de fechar negócios. Não elimina a necessidade de fechamentos em geral. Não elimina a necessidade de uso de máscaras. Então... O que essa vacina está realmente fazendo????? O vírus da “fome” mata todos os dias 8.500 crianças e a vacina existe! Chama-se “comida”! (Retirado de grupo no Facebook, 2021)

Nesses dados, portanto, observamos que o grupo antivacina torna-se mais aparente, com estratégias relacionadas à argumentação e à predicação – principalmente focadas na associação das vacinas com supostas falácias argumentativas e na desqualificação dos argumentos pró-vacina, com exemplos de coisas que seriam ‘mais importantes’. Há a nominação também da vacina de gripe, que aparece associada a esse discurso pela primeira vez. Novamente, observamos a presença de discursos conspiratórios (BERTIN; NERA; DELOUVÉE, 2020; CAMARGO, 2022) e desinformativos, bem como atravessamentos do discurso político e religioso como parte do enquadramento, buscando desqualificar as vacinas, principalmente, dentro do contexto da pandemia. Essas conexões também estão associadas à predicação (desqualificação) e à intensificação do discurso antivacina.

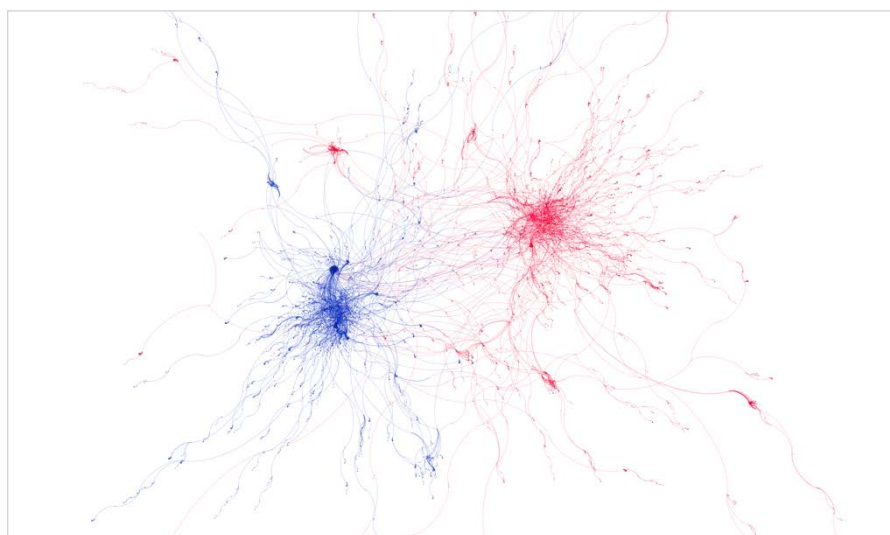


Figura 6 – Dados de 2021 – Principais influenciadores: Módulo 1 (azul) – Páginas relacionadas à esquerda, aos partidos de esquerda e de apoio a Lula; Módulo 2 (vermelho) – Páginas de apoio a Bolsonaro e apoiadores de seu governo.
Fonte: Elaborada pelas autoras.

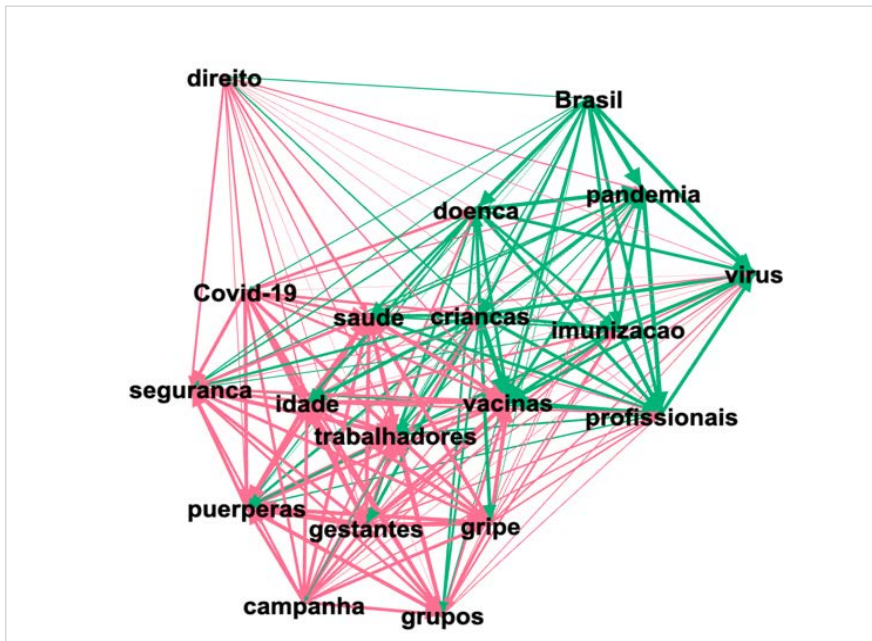


Figura 7 – Dados de 2021 – Discursos Módulo 1 (pró-vacina)
Fonte: Elaborada pelas autoras.

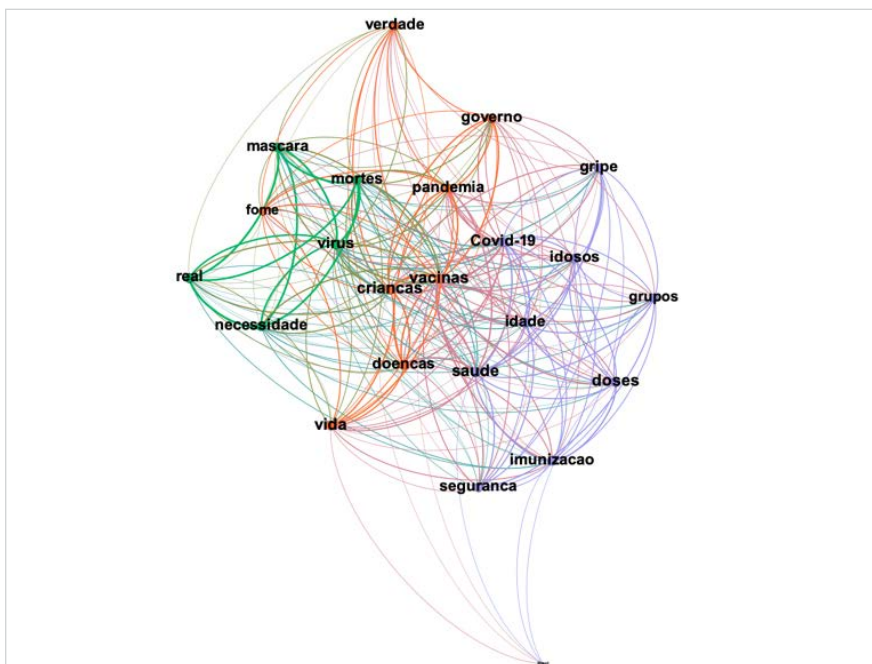


Figura 8 – Dados de 2021 – Discursos Módulo 2 (antivacina)
Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os dados de 2022 (Figura 9) mostram a intensificação da polarização e, novamente, um aumento do discurso antivacina. Há não só um aumento do compartilhamento de conteúdo relacionado, sobretudo com relação à liberação das vacinas para as crianças, como também um aumento do número de contas envolvidas nessa discussão. Assim, temos quase vinte mil nós envolvidos, com mais de trinta mil conteúdos compartilhados. Também observamos uma concentração de influenciadores políticos no discurso antivacina e uma mudança no grupo pró-vacina, que passa a incorporar veículos de divulgação científica e de mídia tradicional.

No módulo pró-vacina (vermelho – na Figura 10), vemos uma mudança muito maior em relação às estratégias dos anos anteriores (WODAK, 2005). Ocorre a nomeação daqueles que são antivacina (negacionismo/negacionistas) e do presidente Jair Bolsonaro como articulador desse processo da desinformação (das *fake news*). A predicação também aumenta, com a qualificação das vacinas como ‘seguras’ e um ‘direito’ das crianças, além da questão da ‘obrigatoriedade’ da vacinação no Brasil, ampliando a argumentação como estratégia central. E essa argumentação parece, então, centrada em um discurso que combate a desinformação que embasa boa parte do discurso antivacina, o que enquadra esses discursos também a partir de um viés político. Observamos, também, uma intensificação do discurso pró-vacina através da argumentação contra o negacionismo.

Já no módulo antivacina (azul – na Figura 11), vemos o aparecimento da nomeação de outras vacinas, além da vacina da covid-19, incluindo-as nesse discurso (poliomielite, sarampo, febre amarela etc.). Além disso, a predicação aparece com mais impacto, associando as vacinas a uma decisão individual, a algo da esfera da liberdade individual, bem como à falta de segurança. Ou seja, as vacinas são associadas ao fato de que são ‘experimentais’ e aos supostos malefícios por elas causados (nominam-se infarto e doenças cardíacas, além de mortes) – o que amplia a argumentação contra a obrigatoriedade da vacinação infantil e a necessidade de se defender as crianças (o que foi também levantado por BARBIERI; COUTO; AITH, 2017; COSTA, 2022).

Assim, embora esse debate seja centrado primeiramente em torno da vacina da covid-19, há um espalhamento dessas estratégias para desqualificar e questionar outras vacinas do calendário infantil, em um enquadramento político, conspiratório e desinformativo. Esses elementos parecem ser consequência da intensificação do discurso antivacina, talvez por conta dos debates a respeito da vacinação infantil para a covid. Os exemplos a seguir mostram um pouco das postagens com esse tipo de conteúdo.

Você, papai ou mamãe, já leu o que a Anvisa aprovou para nossos filhos? Já leu o que a fabricante Pfizer fala a respeito da vacina que pretendem usar nas crianças? Para ajudar cada pai e cada mãe sobre vacinação dos filhos, escolhi a informação que mais me chamou atenção na Audiência Pública realizada pelo Min. da Saúde. As vacinas para crianças devem ser acessíveis a todos. JAMAIS pode ser obrigatória a ninguém. Onde houver risco, deve haver informação, e deve haver escolha! Que Deus dê as nossas autoridades equilíbrio e sensatez.

Vacina em crianças e seus efeitos adversos: palpitações, dores no peito, falta de ar... A VACINA NÃO É OBRIGATÓRIA [...].

Uma criança de 8 anos está internada na UTI (Unidade de Terapia Intensiva) de um hospital particular no município de Botucatu com suspeita de AVC (Acidente Vascular Cerebral). Como os primeiros sintomas começaram a surgir 11 dias após ela ser vacinada contra a covid-19, a nossa equipe de saúde seguiu os protocolos estabelecidos e notificou o governo do estado [...]. (Retirado de grupo no Facebook, 2022)

Também observamos a forte presença das interseções entre esse discurso antivacina e os elementos de desinformação e as conspirações (BERTIN; NERA; DELOUVÉE, 2020; KATA, 2012), conforme exemplos a seguir:

EU TENHO O RELATO DO PAI DA CRIANÇA QUE SOFREU ATAQUE CARDÍACO APÓS TOMAR VACINA EM ÁUDIO, GRUPO WHATSAPP *LINK* NOS COMENTÁRIOS.

Estudo da Pfizer sugere que a vacina covid-19 é a culpada pelo enorme aumento da hepatite entre crianças, enquanto o governo do Reino Unido lança uma investigação urgente [...]. (Retirado de grupo no Facebook, 2022)

Nesses exemplos, vemos que teorias conspiratórias e desinformação acerca de malefícios e problemas das vacinas infantis contra a covid-19 passam a ser relacionadas a outras vacinas e que o discurso antivacina, cada vez mais fortalecido, espalha-se para outras vacinas nominadas.

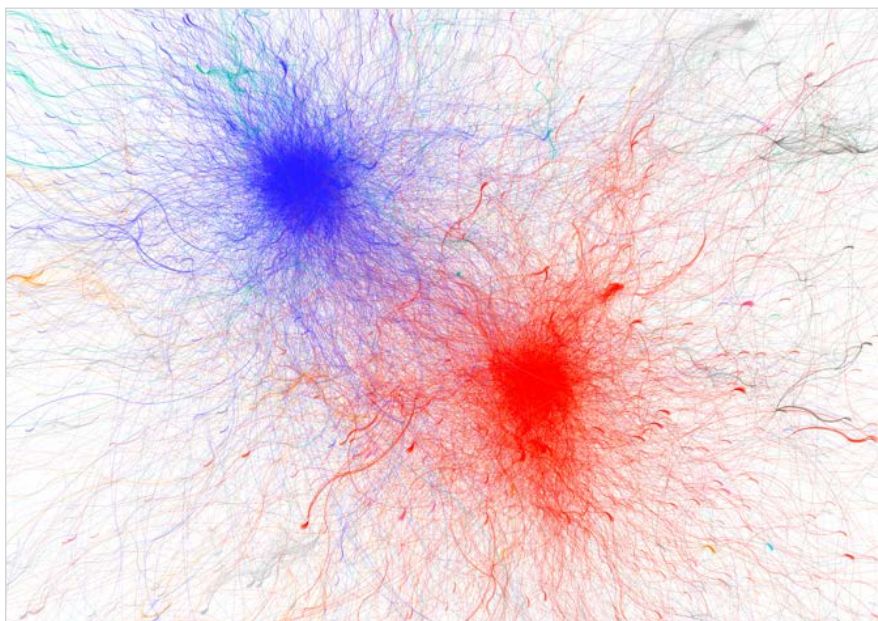


Figura 9 – Dados de 2022 – Principais influenciadores: Módulo 1 (vermelho) – Páginas relacionadas à esquerda, aos partidos de esquerda e de apoio a Lula, à mídia tradicional e aos veículos de divulgação científica; Módulo 2 (azul) – Páginas de apoio a Jair Bolsonaro e ao seu governo.
Fonte: Elaborada pelas autoras.

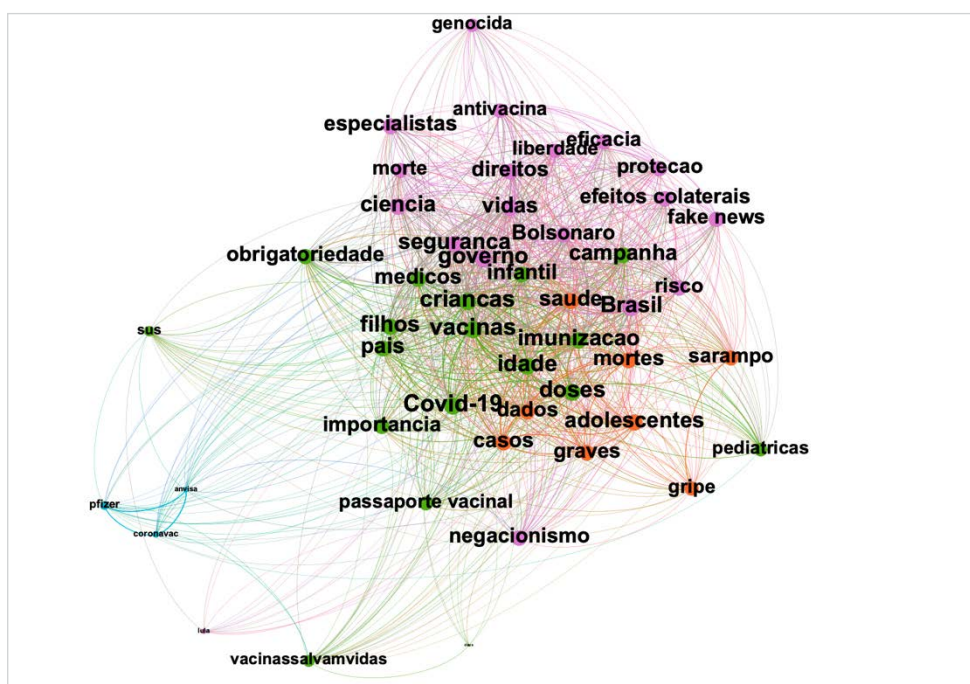


Figura 10 – Dados de 2022 – Discursos Módulo 1 (pró-vacina)
Fonte: Elaborada pelas autoras.

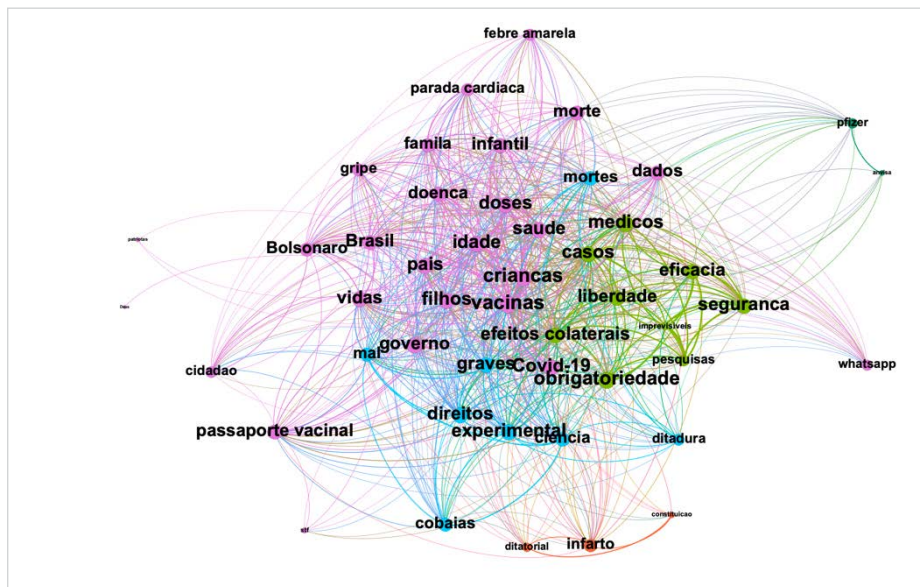


Figura 11 – Dados de 2022 – Discursos Módulo 2 (antivacina)
Fonte: Elaborada pelas autoras.

Como vimos nos dados, o discurso antivacina parece estar estabelecido sobre algumas categorias importantes que vão sendo construídas através dos anos. Assim, vemos que mesmo antes da pandemia de covid-19 já existe uma presença discreta desse discurso nos espaços públicos. Em termos de atividade, predominavam as campanhas de vacinação, com *posts* compartilhados por atores institucionais, como prefeituras e órgãos de saúde. Porém, a partir de 2020, isso começa a mudar. Com a pandemia, o discurso antivacina começa a aparecer e a ser replicado em grupos e páginas públicas do Facebook, sempre de modo oposto e separado das páginas em que circulam os discursos pró-vacina, como a análise de redes mostrou. Esses dois grupos se intensificam tanto em compartilhamento de conteúdo quanto em clusterização ou separação um do outro, indicando um possível efeito de câmara de eco (RECUERO; SOARES, 2020). Isso sugere que não apenas o debate se intensificou, mas também que os discursos se fecharam, tendo como resultado a não circulação do discurso pró-vacina nos grupos em que circula o discurso contrário.

Além disso, quando observamos os atores envolvidos, o discurso antivacina não apenas aparece com mais força nos grupos públicos e abertos, mas também começa a aparecer mediante atores relacionados a grupos religiosos e políticos, principalmente a grupos associados ao presidente Jair Bolsonaro. Enquanto isso, o discurso pró-vacinação se torna mais frequente em veículos noticiosos, científicos e do campo progressista. Esse contexto também pode ser associado ao descrédito das vacinas contra a covid-19, bastante atacadas pelo presidente e cujo debate perpassa a mídia social (RECUERO; STUMPF, 2021). Isso também sugere que o interdiscurso religioso e político vai tornar-se peça fundamental para a legitimação do discurso de resistência vacinal (CAMARGO, 2022; ULLAH *et al.*, 2021). Outra característica importante é o viés conspiratório que relaciona as vacinas à pandemia de covid-19 e à influência da China (BERTIN; NERA; DELOUVÉE, 2020).

Nesses casos, observamos que há um papel importante das estratégias discursivas (WODAK, 2015). A nomeação de políticos, de Deus, de conspirações como a ‘Nova Ordem Mundial’ e ‘Bill Gates e as vacinas na África’ vão sendo reproduzidas de modo a gerar uma impressão de verdade (argumentação), associada a uma predicação negativa das vacinas e das campanhas de vacinação. Do mesmo modo, a nomeação dos efeitos colaterais e os casos específicos de morte, dentro do espectro desinformativo, causam desconfiança e medo, novamente nominando, predicando e argumentando narrativas antivacina.

Outro ponto fundamental é a nomeação de outras doenças vacináveis, como gripe, poliomielite, febre amarela etc. junto ao discurso antivacina. Essa nomeação associa as vacinas contra essas doenças às predicações e argumentações utilizadas para debater as vacinas contra a covid-19. Por fim, observamos ainda uma intensificação desse discurso após o início da pandemia, impactando essas conexões.

Ao mesmo tempo, o discurso pró-vacina é impactado pela pandemia. Enquanto inicialmente suas estratégias (WODAK, 2015) focam apenas na nomeação de campanhas e nas doenças que são prevenidas pela vacinação, com o passar dos anos vemos o crescimento da predicação das vacinas como seguras e testadas, como também a argumentação sobre as afirmativas antivacina. Há, dessa forma, uma mudança no modo do discurso pró-vacina, que passa a nominar o discurso político e negacionista antivacina e a questionar e discutir as narrativas estabelecidas por essas páginas, bem como os enquadramentos políticos e conspiratórios. Vemos, aqui, uma intensificação também desse discurso com a pandemia de covid-19.

Narrativas antivacinação infantil

Com base na discussão e na análise anteriores das estratégias utilizadas para fortalecer e ampliar o discurso antivacina, podemos explicitar alguns pontos fundamentais relacionados ao crescimento desse discurso no espaço público das plataformas de mídia social e na construção das narrativas.

Um ponto importante é que observamos um crescimento do discurso antivacina em espaços públicos do Facebook. Essa publicização é algo bastante novo, pois mostra que o debate atinge mais pessoas e é normalizado, enquanto discurso. Ou seja, demonstra que há uma autorização para que esse tipo de discurso seja compartilhado, seja pelas autoridades que o reproduzem, seja pelo próprio contexto de debate e teorias da conspiração que permearam a pandemia de covid-19. Esse cenário parece ter sido amplamente favorável ao crescimento de narrativas antivacina. Além disso, observamos que as estratégias discursivas mais usadas focam no enquadramento do discurso antivacina e buscam, principalmente, deslegitimar as vacinas como estratégias de combate a doenças no contexto da pandemia. Identificamos, assim, as principais estratégias do discurso antivacina e como as estratégias discursivas (WODAK, 2015) atuam para enquadrar e legitimar esse movimento (Quadro 2).

Quadro 2 – Narrativas antivacina e estratégias discursivas antivacinação

(continua)

Narrativa	Nominação	Predicação	Argumentação	Enquadramento	Intensificação
Questionamento da obrigatoriedade da vacinação infantil	Direitos, liberdade, Bolsonaro, governo, passaporte vacinal	Problema	Crítica à obrigatoriedade	Discurso político	A partir de 2021
Efeitos colaterais das vacinas infantis	Cobaias, efeitos colaterais, infarto, problemas cardíacos, governo	Grave	Vacinas têm efeitos colaterais escondidos pela indústria	Desinformação e teorias conspiratórias Discurso político e religioso	A partir de 2020
Questionamento da segurança e eficácia das vacinas	Vacina experimental, falta de dados, ciência falsa, conspirações, fome, Deus	Absurdo, criminoso, lixo	Vacinas são experimentais e crianças não precisam delas	Desinformação e teorias conspiratórias Discurso político e religioso	A partir de 2020

(conclusão)

Derramamento do discurso para outras vacinas, como gripe, sarampo, febre amarela e poliomielite	Conspirações associadas ao discurso vacinal	Experimentais, testes	Vacinas são experimentais, cujos efeitos são escondidos pela indústria e pelos governos	Desinformação e teorias conspiratórias	A partir de 2021
---	---	-----------------------	---	--	------------------

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Dentro desse quadro, observamos que as estratégias discursivas (WODAK, 2015) de nomeação e predicação atuam de modo a conectar vacinas, personalidades, elementos religiosos como elementos negativos. Já a nomeação e o enquadramento geral, principalmente, são fundamentais para associar personalidades políticas, elementos do discurso religioso, teorias conspiratórias e desinformação à legitimação da argumentação antivacina.

Embora parte dessas narrativas tenha sido observada por outros autores (AMARAL *et al.*, 2022), é principalmente a nomeação de outras vacinas, nos contextos do discurso antivacina, que pode mostrar um possível efeito de derramamento dos enquadramentos conspiratórios e políticos da vacina da covid-19 (notadamente na vacina infantil) para deslegitimar também outras vacinas, historicamente aceitas no Brasil.

Esses dados, portanto, indicam que é possível que o contexto contraditório gerado em torno da vacinação infantil contra a covid-19 tenha gerado um espaço propício para a propagação do discurso antivacinação infantil em geral, o que vai ao encontro da tendência de queda da cobertura vacinal infantil no país. Um dos exemplos é a crítica à obrigatoriedade, inicialmente focada na vacina infantil da covid-19 (que não é obrigatória) e depois espalhada para as outras vacinas.

Além disso, o forte contexto de polarização política no combate à pandemia, principalmente em torno do presidente Jair Bolsonaro e com evidente envolvimento de agentes políticos, parece reduzir todo o debate sobre a vacinação infantil a dois grandes grupos: de um lado, quem apoia a vacinação infantil, enquanto uma questão científica e de saúde; e, de outro, quem apoia o presidente e, supostamente, as liberdades individuais e se coloca contra a vacinação infantil. Essa redução do debate evidencia, ainda, a aproximação de grupos ideologicamente alinhados com a extrema direita internacional, com a importação de argumentos e de teorias de conspiração antigas relacionadas a outras campanhas de vacinação, como a da poliomielite e a do sarampo (AMARAL *et al.*, 2022; COSTA, 2022).

Já no discurso pró-vacinas (Quadro 3), observamos uma mudança importante de narrativa, da simples reprodução das campanhas de vacinação para a discussão e o debate sobre a segurança, a confiabilidade das vacinas, bem como os direitos das crianças à vacinação. Nesses casos, as estratégias mais importantes (WODAK, 2015) também são aquelas da nomeação (principalmente relacionadas aos agentes do conteúdo antivacina), predicação e argumentação (as vacinas são seguras e imunizam). A intensificação e a mudança de enquadramento desse discurso parecem provocadas diretamente pela publicização e pelo crescimento do discurso antivacina.

Quadro 3 – Narrativas antivacina e estratégias discursivas pró-vacinação

Narrativa	Nominação	Predicação	Argumentação	Enquadramento	Intensificação
Campanhas de vacinação	Vacinas e doenças como poliomielite, sarampo, caxumba etc.	Imunização	Vacinar é importante	-	-
Vacinas são seguras e imunizam	Imunização, populações de risco, campanhas	Imunização	Vacinar é importante	-	A partir de 2020
Negacionismo, antivacina	Negacionistas, <i>fake news</i> , ciência, dados, políticos	Absurdo	Não vacinar é negacionismo	Vacinas são seguras e cientificamente comprovadas	A partir de 2021
Crianças têm direito a ser vacinadas	Direito, obrigação, escola	Necessário	Vacinas são um direito das crianças	Não vacinar é negacionismo	A partir de 2021

Fonte: Elaborada pelas autoras.

CONCLUSÕES

Este estudo buscou analisar como o discurso antivacina sobre a covid-19 impactou no discurso geral sobre a vacinação infantil no contexto das plataformas de mídia social. Para isso, analisamos a evolução do discurso sobre a vacinação infantil entre os anos de 2019 e 2022 no Facebook (Meta). Observamos, primeiramente, que o debate sobre a vacinação da covid-19 resultou em um aumento significativo do discurso sobre vacinação infantil em geral, evoluindo de 14.707 publicações em 2019 para 180.420 publicações em 2022 – um aumento de mais de dez vezes –, quando a vacinação infantil para a covid-19 já estava em andamento no país. Esse aumento foi acompanhado pela intensificação do discurso antivacina e pela polarização dos grupos em possíveis câmaras de eco.

Em 2019, início do período de análise, o debate sobre a vacinação infantil era constituído basicamente por publicações institucionais acerca das campanhas de vacinação em andamento no Brasil. Já em 2022, observamos uma presença massiva de militantes antivacinação no debate, o que estimulou também a complexificação do discurso pró-vacina. O discurso antivacina é atravessado por desinformação e teorias conspiratórias sobre os efeitos, a segurança e os interesses por trás da vacinação infantil. Há, também, um atravessamento dos discursos religiosos e políticos (estes, notadamente, centralizados no presidente Jair Bolsonaro), bem como das teorias de conspiração e da desinformação.

Esses dados mostram que plataformas de mídia social, como o Facebook, parecem refletir um aumento da legitimação do discurso antivacina infantil, principalmente por conta dos debates levantados sobre a vacina infantil da covid-19. Nesse contexto, o enquadramento político da discussão sobre o manejo da pandemia, como observada no Brasil, parece ter fornecido um contexto propício para que o discurso antivacina e as suas estratégias se ampliassem, caminhando também para outras vacinas mais estabelecidas no calendário vacinal brasileiro.

Além disso, há uma clara intensificação da discussão, com uma polarização entre grupos antivacina e pró-vacina. Este último vem tentando fortalecer a divulgação de campanhas e dar lugar a um debate sobre negacionismo e desinformação sobre as vacinas, possivelmente provocado pelo primeiro, onde há uma

intensificação da desqualificação das vacinas. A estrutura de câmara de eco também indica a dificuldade de circulação de discursos diferentes nesses espaços. Estratégias discursivas de nomeação das vacinas, políticos, teorias conspiratórias, pregação narrativa e argumentação em torno da não vacinação parecem elementos centrais para produzir enquadramentos e obter legitimação do discurso antivacina. Essas estratégias também são copiadas pelo discurso pró-vacina, depois de 2021.

Essa discussão chama a atenção para a amplificação do discurso antivacina infantil no Brasil, principalmente em espaços mais públicos (como páginas e grupos que podem ser acessados por qualquer um), o que implica um ganho de legitimidade e uma autorização para questionar as práticas vacinais no país. Ao mesmo tempo, o discurso pró-vacina parece ser ineficaz para penetrar e combater a desinformação e as teorias conspiratórias associadas a essa tendência antivacinação. O contexto atual também chama a atenção para a necessidade de políticas informativas unificadas sobre a vacinação e a desautorização do discurso desinformativo. Finalmente, podemos dizer que esse diagnóstico, a partir do momento em que o derramamento do discurso antivacina resvala para o debate sobre a vacinação infantil no país, coincide com a queda significativa da cobertura vacinal, fato preocupante que vem sendo alertado por profissionais da saúde e pesquisadores.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Adriana Rosa *et al.* Narratives of anti-vaccination movements in the German and Brazilian twittersphere: a grounded theory approach. **Media and Communication**, v. 10, n. 2, p. 144-156, 2022. DOI: <https://doi.org/10.17645/mac.v10i2.5037>. Disponível em: <https://www.cogitatiopress.com/mediaandcommunication/article/view/5037>. Acesso em: 21 nov. 2022.
- BARBIERI, Carolina L. Alves; COUTO, Márcia Thereza; ALTH, Fernando Mussa Abujamra. A (não) vacinação infantil entre a cultura e a lei: os significados atribuídos por casais de camadas médias de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p. e00173315, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00173315>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/NDSjRVcpw95WS4xCpxB5NPw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- BERTIN, Paul; NERA, Kenzo; DELOUVÉE, Sylvain. Conspiracy beliefs, rejection of vaccination, and support for hydroxychloroquine: a conceptual replication-extension in the covid-19 pandemic context. **Frontiers in Psychology**, Pully, v. 11, 18 set. 2020. Artigo 565128. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.565128>. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2020.565128/full>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- BLONDEL, Vincent D. *et al.* Fast unfolding of communities in large networks. **Journal of Statistical Mechanics: Theory and Experiment**, p. 1-12, out. 2008. DOI: <https://www.doi.org/10.1088/1742-5468/2008/10/P10008>. Disponível em: <https://iopscience.iop.org/article/10.1088/1742-5468/2008/10/P10008>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- BROTAS, Antonio Marcos Pereira *et al.* Discurso antivacina no YouTube: a mediação de influenciadores. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 72-91, jan.-mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v15i1.2281>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2281>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- CAMARGO, Letícia Ferreira. **Hesitação e recusa vacinal**: a pandemia de covid-19 nos discursos antivacina brasileiros. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/234682>. Acesso em: 15 jul. 2022.
- COSTA, Tainá de Almeida. **Desinformação e narrativas antivacina**: uma análise de postagens em grupos de Facebook. 2022. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- DANDARA, Luana. Programa Nacional de Imunizações é um marco histórico na saúde pública brasileira. **Portal Fiocruz**, Rio de Janeiro, 9 jun. 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/programa-nacional-de-imunizacoes-e-um-marco-historico-na-saude-publica-brasileira>. Acesso em: 1 jul. 2022.

D'ANDRÉA, Carlos Frederico de Brito. **Pesquisando plataformas on-line: conceitos e métodos**. Salvador: EDUFBA, 2020. (Coleção Cibercultura). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32043>. Acesso em: 2 jun. 2022.

FIORAVANTI, Carlos. Erradicação da varíola há 50 anos no Brasil adotou técnicas usadas até hoje. **Revista Pesquisa Fapesp**, São Paulo, 13 mar. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/03/13/erradicacao-da-variola-ha-50-anos-no-brasil-adotou-tecnicas-usadas-ate-hoje.htm>. Acesso em: 10 ago. 2022.

GUNARATNE, Keith; COOMES, Eric; HAGHBAYAN, Hourmazd. Temporal trends in anti-vaccine discourse on Twitter. **Vaccine**, Amsterdã, v. 37, n. 35, p. 4867-4871, 14 ago 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.vaccine.2019.06.086>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0264410X1930876X?via%3DIhuh>. Acesso em: 21 nov. 2022.

KATA, Anna. Anti-vaccine activists, Web 2.0, and the postmodern paradigm – an overview of tactics and tropes used online by the anti-vaccination movement. **Vaccine**, Amsterdã, v. 30, n. 25, p. 3778-3789, maio 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.vaccine.2011.11.112>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0264410X11019086>. Acesso em: 2 jun. 2022.

LINDGREN, Simon. Introducing connected concept analysis: a network approach to big text datasets. **Text & Talk**, [s. l.], v. 36, n. 3, p. 341-362, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1515/text-2016-0016>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/text-2016-0016/html>. Acesso em: 21 nov. 2022.

MACDONALD, Noni E.; SMITH, Jennifer; APPLETON, Mary. Risk perception, risk management and safety assessment: what can governments do to increase public confidence in their vaccine system? **Biologicals**, Londres, v. 40, n. 5, p. 384-388, set. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.biologicals.2011.08.001>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1045105611001096>. Acesso em: 2 jun. 2022.

MACI, Stefania Maria. Discourse strategies of fake news in the anti-vax campaign. **Lingue Culture Mediazioni = Languages Cultures Mediation (LCM Journal)**, Milão, v. 6, n. 1, p. 15-43, 2019. DOI: <https://dx.doi.org/10.7358/lcm-2019-001-maci>. Disponível em: <https://www.ledonline.it/index.php/LCM-Journal/article/view/1800>. Acesso em: 15 jul. 2022.

MASSARANI, Luisa; LEAL, Tatiane; WALTZ, Igor. O debate sobre vacinas em redes sociais: uma análise exploratória dos *links* com maior engajamento. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, supl. 2, p. e00148319, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00148319>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/wg8Tn5R77L5v7YKJGPNcRYk/?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2022.

NUNES, Letícia. **Panorama da cobertura vacinal no Brasil, 2020**. São Paulo: Instituto de Estudos para Políticas de Saúde, 2021. Relatório. Disponível em: https://ieps.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Panorama_IEPS_01.pdf. Acesso em: 1 jun. 2022.

OLIVEIRA, Bruno Luciano Carneiro Alves de *et al.* Prevalência e fatores associados à hesitação vacinal contra a covid-19 no Maranhão, Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 55, n. 12, p. 1-12, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2021055003417>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rsp/article/view/184862>. Acesso em: 1 jun. 2022.

OLIVEIRA, Thaianne. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. **Fronteiras – Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v. 22 n. 1, p. 21-35, jan.-abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.03>. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.03>. Acesso em: 1 jun. 2022.

PERTWEE, Ed.; SIMAS, Clarissa; LARSON, Heidi J. An epidemic of uncertainty: rumors, conspiracy theories and vaccine hesitancy. **Nature Medicine**, Nova York, v. 28, n. 3, p. 456-459, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41591-022-01728-z>. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41591-022-01728-z>. Acesso em: 1 jun. 2022.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe. O discurso desinformativo sobre a cura do covid-19 no Twitter: estudo de caso. **E-Compós**, Brasília, DF, v. 24, p. 1-29, 2021. DOI: <https://doi.org/10.30962/ec.2127>. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2127>. Acesso em: 1 jun. 2022.

RECUERO, Raquel; STUMPF, Elisa M. Características do discurso desinformativo no Twitter: estudo do discurso antivacinas da covid-19. *In*: CAIADO, Roberta; LEFFA, Vilson. (org.). **Linguagem: tecnologia e ensino**. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 111-137. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/midiars/files/2021/06/Linguagem_Tecnologia_Ensino_24_06.pdf. Acesso em: 1 jun. 2022.

RUISCH, Benjamin *et al.* Investigating the conservatism-disgust paradox in reactions to the covid-19 pandemic: a critical reexamination of the interrelations between political ideology, disgust sensitivity, and pandemic response. **PsyArXiv Preprints**, Ithaca, maio 2021. DOI: <https://doi.org/10.31234/osf.io/yn23v>. Disponível em: <https://psyarxiv.com/yn23v/>. Acesso em: 1 jun. 2022.

TIC Domicílios: Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros 2020 = ICT Households: Survey on the use of information and communication technologies in Brazilian households 2020. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021. *E-book*. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20211124201233/tic_domicilios_2020_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 21 nov. 2022.

ULLAH, Irfan *et al.* Myths and conspiracy theories on vaccines and covid-19: potential effect on global vaccine refusals. **Vacunas**, Barcelona, v. 22, n. 2, p. 93-97, maio-ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.vacune.2021.01.009>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2445146021000315?via%3Dihub>. Acesso em: 1 jun. 2022.

VAARA, Eero. Critical discourse analysis as methodology in strategy as practice research. *In*: GOLSORKHI, Damon *et al.* (ed.). **Cambridge handbook of strategy as practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 217-229.

VAN DIJK, Teun Adrianus. Principles of critical discourse analysis. **Discourse & Society**, Reino Unido, v. 4, n. 2, p. 249-283, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1177/0957926593004002006>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0957926593004002006>. Acesso em: 1 jun. 2022.

WARDLE, Claire; DERAKSHAN, Hossein. **Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Estrasburgo: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>. Acesso em: 10 nov. 2022.

WASSERMAN, Stanley; FAUST, Katherine. **Social network analysis: methods and applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511815478>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/social-network-analysis/90030086891EB3491D096034684E8FB8>. Acesso em: 1 jun. 2022.

WODAK, Ruth. Critical discourse analysis: discourse-historical approach. *In*: TRACY, Karen; ILIE, Cornelia; SANDELL, Todd (ed.). **Methods of critical discourse analysis**. Londres: John Wiley & Sons, 2015. p. 63-94.

WODAK, Ruth. **Feminist critical discourse analysis: new perspectives for interdisciplinary gender studies**. Atenas: [s. n.], 2005. Disponível em: <https://nanopdf.com/download/ruth-wodak-professor-in-discourse-studies.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2022.